

William. Corte

Edson Rodrigo Nepomuceno

PIQUENIQUE NO FRONT

Fernando Arrabal

1675

Zapo  
Zépo  
Sr. Tépan  
Sra. Tépan  
1º Enfermeiro  
2º Enfermeiro

CENÁRIO: UM CAMPO DE BATALHA. CERCA DE ARAME FARPADO DE UM LADO A OUTRO DA CENA. VÊ-SE PERTO DA CERCA SACOS DE AREIA.

A BATALHA ESTÁ NO AUGÉ. TIROS DE FUZIL, METRALHADORAS, BOMBAS QUE EXPLODEM. ZAPO ESTÁ SOZINHO EM CENA, DEITADO DE BRUÇOS, ESCONDIDO ENTRE OS SACOS DE AREIA. ESTÁ COM MUITO MEDO. O COMBATE PÁRA. SILÊNCIO. ZAPO EXTRAI DE UMA BOLSA DE LONA, UM NOVELO DE LÃ, AGULHAS E VAI TRICOTANDO UM SUÉTER JÁ BASTANTE ADIANTADO. TELEFONE DE CAMPANHA QUE ESTÁ PERTO DELE TOCA.

Zapo

Alô... Alô... Às ordens meu capitão... aqui fala a sentinela do setor 47... nada de novo, meu capitão...? desculpe, meu capitão... mas quando é que a gente vai começar o combate?... e o que é que eu faço com as granadas? Jogo elas pra frente ou pra traz? Não disse isso para aborrecê-lo meu capitão, eu' tou me sentindo tremendamente só... o senhor não podia me mandar um companheiro pra cá?... podia ser até aquela cabra... (SEM DÚVIDA É REPREENDIDO). Às suas ordens, às suas ordens meu capitão (Zapo desliga, resmunga alguma coisa entre os dentes).

SILÊNCIO ENTRAM O SENHOR E A SENHORA TÉPAN CARREGANDO CESTOS COMO QUEM VAI A UM PIQUENIQUE. FALAM COM SEU FILHO QUE, DE COSTAS, NÃO PERCEBEU A CHEGADA DELES.

Sr. Tépan

(CERIMONIOSAMENTE) Meu filho, levante-se e dê um beijo na testa de sua mãe. (ADMIRADO ZAPO SE LEVANTA E BEIJA SUA MÃE NA TESTA COM MUITO RESPEITO, QUER FALAR MAS O PAI CORTA-LHE A PALAVRA.) E agora me dê um beijo

Zapo

Paizinho e mãezinha querida, como vocês se atreveram a yir até aqui. É muito perigoso. Vão embora logo.

Sr. Tépan

Por acaso está querendo ensinar a seu pai o que é a guerra e o perigo? Para mim tudo isso não passa de uma brincadeira. Quantas vezes já saltei do metrô em movimento.

- Sra. Tépan** Nós pensamos que você deveria estar se aborrecendo então, então resolvemos te fazer um visitinha. Afinal de contas esta guerra deve ser muito chata.
- Zapo** Às vezes.
- Sr. Tépan** Sei muito bem como é. No começo tudo é novidade: é muito divertido matar, jogar granadas; é muito chique usar um capacete, mas a gente acaba se chateando. No meu tempo a coisa era bem diferente. as guerras eram muito mais movimentadas, mais coloridas. E além do mais havia cavalos, muitos cavalos. Era um delícia, se o capitão dizia: "Atacar", num minuto estávamos todos a postos, a cavalo, de uniforme vermelho. Era uma festa para os olhos. Depois vinham as investidas: a galope, espada na mão, e de repente, frente a frente com o inimigo que, por sua vez também estava a altura das circunstâncias, com seus cavalos – suas botas envernizadas, seu uniforme verde, havia sempre cavalos, um monte de cavalos, de ancas roliças
- Sra. Tépan** Não, você se engana, o uniforme do inimigo não era verde, era azul. Me lembro muito bem que era azul.
- Sr. Tépan** Estou te dizendo que era verde Sra. Tépan. Quando era menino, cansei de olhar a batalha do terraço. Eu dizia ao garoto do vizinho – "aposto um chicletes que os azuis vão ganhar". E os azuis eram nossos inimigos.
- Sra. Tépan** Está bem, você ganhou.
- Sra. Tépan** Sempre adorei batalhas, quando era pequenina eu dizia que quando crescesse queria ser coronel dos dragões. mas mamãe não quis, você sabe como ela é cheia de princípios.
- Sr. Tépan** Sua mãe é uma toupeira.
- Zapo** Desculpem, mas vocês vão Ter que ir embora. Quem não é soldado não pode entrar na guerra.
- Sr. Tépan** A guerra que se dane. Viemos aqui para fazer um piquenique com você e vamos aproveitar o Domingo.
- Sra. Tépan** Preparei uma comida ótima: salame e ovos cozidos, que você gosta muito, sanduiches de presunto, vinho tinto, salada e dôces.
- Zapo** Está bem, como quiserem. Mas se o capitão vier aqui vai ficar uma fera. Ele não gosta nada de visitas no front. Não para de repetir pra gente: "Na guerra é preciso disciplina, granadas, mas nada de visitas".
- Sr. Tépan** Pode deixar o seu capitão comigo, eu dou jeito nele.
- Zapo** E se o combate recomeçar?

- Sr. Tépan Você acha que isto me mete medo? Já vi muitos! Se ainda fossem batalhas a cavalo! Os tempos mudaram, você não pode compreender. (PAUSA). Viemos de motocicleta. Ninguém disse nada.
- Zapo Na certa pensaram que vocês estavam servindo de árbitros.
- Sr. Tépan Mas não foi fácil chegar até aqui. Com todos estes tanques e jipes.
- Sra. Tépan E aquele engarrafamento por causa de um canhão, quase na chegada?
- Sr. Tépan Em tempo de guerra tudo pode acontecer. Todo mundo sabe disto.
- Sra. Tépan Muito bem. Agora vamos comer.
- Sr. Tépan Ótima idéia, estou com uma fome de tigre. Deve ser o cheiro de pólvora.
- Sra. Tépan Vamos comer sentados sobre o cobertor.
- Zapo Vou comer de fuzil?
- Sra. Tépan Deixa teu fuzil em paz. É falta de educação sentar na mesa com fuzil. (PAUSA). Mas, menino você está sujo como um porquinho. O que é que você fez pra ficar neste estado? Deixa eu ver as mãos.
- Zapo (ENVERGONHADO) – Tive que me arrastar no chão por caus das manobras.
- Sra. Tépan As orelhas?
- Zapo Lavei de manhã.
- Sra. Tépan Bem, estão mais ou menos. Os dentes? (ELE MOSTRA OS DENTES). Muito bem. E quem é que vai dar um beijo no seu filhinho que escovou muito bem os dentinhos? (AO MARIDO). Vamos dê um beijo no teu filhinho que escovou muito bem os dentinhos.
- Sra. Tépan (SR. TÉPAN BEIJA O FILHO) Porque há uma coisa que eu não posso admitir, é que só por causa da guerra, você deixe de tomar banho.
- Zapo Eu sei, mamãe. (COMEM).
- Sr. Tépan Então, meu filho, você tem acertado no alvo?
- Zapo Quando?
- Sr. Tépan Nesses dias, ora!
- Zapo Onde?
- Sr. Tépan Agora, você não tá na guerra?

- Zapo Não. Quase nada. Quase nunca acerto o alvo.
- Sr. Tépan O que é que você tem acertado mais: os cavalos inimigos ou os soldados?
- Zapo Não, nenhum cavalo. Não tem mais cavalo.
- Sr. Tépan Soldados então?
- Zapo Talvez.
- Sr. Tépan Como talvez? Você não tem certeza?
- Zapo É que eu ativo sem mirar... rezando um padre nosso para o sujeito que acertei.
- Sr. Tépan Você precisa ser mais corajoso. Como teu pai.
- Sra. Tépan Vou pôr um disco na vitrola. (PÕE O DISCO: UM PASSO-DOUBLE. OS TRÊS FICAM OUVINDO, SENTADOS NO CHÃO).
- Sr. Tépan Isto que é música. sim senhora, olê!  
A MÚSICA CONTINUA, ENTRA UM SOLDADO INIMIGO; ZÉPO. ESTÁ VESTIDO DA MESMA MANEIRA QUE ZAPO. SÓ A CÔR DIFERE. ZÉPO ESTÁ DE VERDE E ZAPO DE CINZA. - ZÉPO OUVE A MÚSICA EMBASBACADO. ESTÁ ATRÁS DA FAMÍLIA QUE NÃO PODE VÊ-LO. AO LEVANTAR-SE, ZÉPO VÊ ZAPO. OS DOIS PÕEM AS MÃOS AO ALTO. O SR. E A SRA. TÉPAN OS OBSERVAM, BASTANTE ESPANTADOS).
- Sr. Tépan O que é que há?  
(ZAPO REAGE, HESITA, FINALMENTE, COM AR DECIDIDO, MIRA ZÉPO COM SEU FUZIL).  
(ZÉPO LEVANTA OS BRAÇOS AINDA MAIS ALTO; PARECE AINDA MAIS APAVORADO. ZAPO NÃO SABE O QUE FAZER. DE REPENTE, VAI RAPIDAMENTE ATÉ JUNTO DE ZÉPO E DÁ-LHE UM TOQUE NO OMBRO, DE LEVE, DIZENDO AO MESMO TEMPO):
- Zapo Peguei um prisioneiro! pronto.  
(DIRIGINDO-SE MUITO FELIZ AO PAI).
- Sr. Tépan Muito bem, e agora o que é que você vai fazer com ele?
- Zapo Não sei, mas, é bem capaz que eu seja promovido a cabo.
- Sr. Tépan Por enquanto o melhor amarrá-lo!
- Zapo Amarrá-lo? Porquê?
- Sr. Tépan Um prisioneiro a gente amarra.



Zapo Como?

Sr. Tépan Pelas mãos.

Sra. Tépan Claro, é preciso amarrar-lhe as mãos. Sempre vi fazer isso.

Zapo Muito bem. (AO PRISIONEIRO). Junte as mãos, por favor.

Zepo Não me machuque muito, tá?

Zapo Tá.

Zépo Aí! Está me machucando.

Sr. Tépan Ora, não maltrate o seu prisioneiro.

Sra. Tépan Foi assim que eu te eduquei? Quantas vezes te disse que se deve ser atencioso com os outros?

Zapo Foi sem querer. (A ZÉPO). E assim, dói?

Zépo Não, assim não.

Sr. Tépan Não faça cerimônias, pode falar francamente; não se preocupe conosco.

Zépo Assim está bem.

Sr. Tépan Agora os pés.

Zapo Os pés também? Que trabalhadeira!

Sr. Tépan Mas, não lhe ensinaram as regras?

Zapo Ensinaram.

Sr. Tépan Então?

Zapo (A ZÉPO, MUITO EDUCADAMENTE). Quer fazer o obséquo de sentar-se no chão?

Zépo Está bem, mas não me machuque.

Sra. Tépan Está vendo? Ele vai ficar com raiva de você.

Zapo Claro que não. Estou machucando o senhor?

Zépo Não, está tudo bem.

Zapo (REPENTINAMENTE). Papai, se você tirasse uma fotografia? O prisioneiro no chão e eu com um pé na barriga dele?

- Sr. Tépan Isso. Vai ficar ótimo!
- Zépo Ah, isso não, isso não!
- Sra. Tépan Diga que sim, não seja desmancha prazeres.
- Zépo Não. Eu disse que não é não.
- Sra. Tépan Um retratinho de nada, não vai lhe fazer mal nenhum. Poderíamos colocá-lo na sala de jantar, ao lado do diploma de salvamento que o meu marido ganhou treze anos atrás.
- Zépo Não adianta, a senhora não vai me convencer.
- Zapo Mas porque você não quer?
- Zépo Sou noivo. E se algum dia, minha noiva vê essa fotografia, vai dizer que não sei lutar na guerra.
- Sra. Tépan Ora, é só dizer que não é o senhor, que é uma pantera. Anda, diga que sim.
- Zépo Está bem. Mas é só para agradar a senhora.
- Zapo Se espiche aí.
- (ZÉPO DEITA-SE COMPLETAMENTE. ZAPO COLOCA UM PÉ NA BARRIGA DELE E SEGURA SEU FUZIL COM AR MARCIAL).
- Sra. Tépan Estufe o peito mais um pouco.
- Zapo Assim?
- Sra. Tépan Assim. Sem respirar.
- Sr. Tépan Faça uma cara de herói.
- Zapo Cara de herói? Como é que é?
- Sr. Tépan Ora, imite a cara do açougueiro quando contava suas façanhas amorosas.
- Zapo Assim?
- Sr. Tépan Assim, exatamente.
- Sra. Tépan Estufe bem o peito e não respire.
- Zépo Ainda vai demorar muito?
- Sr. Tépan Um pouco de paciência. Um... Dois... Três...

- Zapo Tomara que eu saia bem.
- Sra. Tépan Vai sair sim, você estava muito marcial.
- Sr. Tépan Você estava muito bem.
- Sra. Tépan Estou até com vontade de tirar um retrato com você.
- Sr. Tépan Boa idéia.
- Zapo Está certo. Se quiserem eu tiro.
- Sra. Tépan Me dá seu capacete, para eu parecer soldado.
- Zépo Não quero mais saber de retrato. Um já chega.
- Zapo Que bobagem. Qual é a diferença que isso faz para o senhor?
- Zépo É a minha última palavra.
- Sr. Tépan (A SUA MULHER) – Não insistam, os prisioneiros são sempre muito suscetíveis. Se a gente continua ele vai se zangar e estragar a festa.
- Zapo Está bem. E agora o que é que se faz com ele?
- Sra. Tépan Podemos convidá-lo para almoçar. O que é que você acha?
- Sr. Tépan Não vejo nenhum inconveniente.
- Zapo (A ZÉPO) – O Senhor almoça conosco, não almoça?
- Zépo Hum...
- Sr. Tépan Temos um bom vinho aí...
- Zépo Então tá.
- Sra. Tépan Faça como se estivesse na sua casa, se achar ruim, pode reclamar.
- Zépo Está bem.
- Sr. Tépan Diga-me, e o senhor tem acertado no alvo?
- Zépo Quando?
- Sr. Tépan Nesses dias, ora.
- Zépo Onde?

- Sr. Tépan Agora, o senhor não tá na guerra?
- Zépo Não, quase nada. Quase nunca acerto no alvo.
- Sr. Tépan O que é que o senhor acertou mais: os cavalos inimigos ou os soldados?
- Zépo Não, nenhum cavalo, não tem mais cavalo.
- Sr. Tépan Soldados, então?
- Zépo É possível.
- Sr. Tépan Como, é possível? O senhor não tem certeza?
- Zépo É que eu atiro sem mirar. (PAUSA). E vou rezando uma Ave Maria pelo sujeito que acertei.
- Zapo Uma Ave Maria? Pensei que o senhor rezasse um Padre Nosso.
- Zépo Não, é sempre uma Ave Maria. (PAUSA). É mais curta.
- Sr. Tépan O que é isso? É preciso ser corajoso.
- Sra. Tépan (A ZÉPO) – Se o senhor quiser podemos desamarrá-lo.
- Zépo Não, senhora, pode deixar, não faz mal não.
- Sr. Tépan Não vai começar a fazer cerimônias conosco, hein? Se quiser que a gente desamarre é só falar.
- Sra. Tépan Fique à vontade.
- Zépo Bom, já que insistem, podem desamarrar meus pés, mas faço isto só para agradar a senhora.
- Sr. Tépan Zapo, desamarre ele.  
(ZAPO O DESAMARRA).
- Sra. Tépan Então está se sentindo melhor agora?
- Zépo Estou é claro. Mas acho que estou incomodando.
- Sr. Tépan De jeito nenhum, faça como se estivesse na sua própria casa. E se está querendo que a gente desamarre às suas mãos, é só pedir.
- Zépo Não, as mãos, não; não quero incomodar.
- Sr. Tépan Não, não meu caro, já disse, não está incomodando nada.



**Zépo** Já que insistem, podem desamarrear as mãos, também. Mas só para almoçar, hein? Não quero que os senhores pensem que me dão o pé e eu já quero a mão.

**Sr. Tépan** Menino, desamarre as mãos dele.

**Sra. Tépan** Que bom! Já que o senhor prisioneiro é tão simpático, vamos passar um ótimo dia no campo.

**Zépo** Não me chame de senhor prisioneiro. Diga prisioneiro, só.

**Sra. Tépan** O senhor não se incomoda?

**Zépo** Não, senhora, absolutamente.

**Sr. Tépan** O Senhor é muito modesto.  
(RUIDO DE AVIÕES).

**Zapo** Aviões. Na certa, vão nos bombardear.  
(ZAPO E ZÉPO ATIRAM-SE SOBRE OS SACOS DE AREIA, ESCONDENDO-SE).

**Zapo** (A SEUS PAIS) – Abriguem-se. As bombas vão cair em cima de vocês.

(O BARULHO DOS AVIÕES DOMINA TODOS OS OUTROS. IMEDIATAMENTE, AS BOMBAS COMEÇAM A CAIR. OS OBUSES CAEM MUITO PERTO DA CENA, MAS SEM ATINGÍ-LA. BARULHO ENSURDECEDOR. ZAPO E ZÉPO ESTÃO AGACHADOS NO MEIO DOS SACOS. O SR. TÉPAN CONVERSA CALMAMENTE COM SUA MULHER QUE LHE RESPONDE NO MESMO TOM TRANQUILO. NÃO SE OUVE O DIÁLOGO POR CAUSA DO BOMBARDEIO. A SRA. TÉPAN VAI APANHAR UM DOS OBJETOS QUE TROUXERAM EXTRAINDO UM GUARDA-CHUVA DO MESMO. ABRE-O. O CASAL TÉPAN ABRIGA-SE SOB O GUARDA CHUVA COMO SE ESTIVESSE CHOVENDO. ESTÃO EM PÉ. FALAM DE SEUS NEGÓCIOS PARTICULARES ENQUANTO FICAM BALANÇANDO EM CADÊNCIA DE UM PÉ PARA O OUTRO. O BOMBARDEIO CONTINUA. FINALMENTE OS AVIÕES AFASTAM-SE. SILÊNCIO. O SR. TÉPAN ESTENDE UM BRAÇO PARA FORA DO GUARDA-CHUVA PARA ASSEGURAR-SE QUE NÃO ESTÁ CAINDO MAIS NADA DO CÉU).

**Sr. Tépan** (À SUA MULHER) – Pode fechar o guarda-chuva.

A SRA. TÉPAN ODEDECE. (OS DOIS APROVIMAM-SE DO FILHO CUTUCANDO-LHE O TRAZEIRO DE LEVE COM A AJUDA DO GUARDA-CHUVA).

**Sr. Tépan** Vamos vamos, podem sair. O bombardeio já acabou.

ZAPO E ZÉPO SAEM DO ESCONDERIJO.

Zapo Está tudo bem com vocês?

Sr. Tépan E você acha que podia Ter acontecido alguma coisa com seu pai? (COM ORGULHO).  
Aqueles bombinhas, imagine! Acho até graça!

(ENTRA À ESQUERDA UM CASAL DE SOLDADOS DA CRUZ VERMELHA.  
CARREGAM UMA MACA).

1º Enfermeiro Tem mortos?

Zapo Não, por aqui nenhum.

1º Enfermeiro Tem certeza que olharam bem?

Zapo Olhamos.

1º Enfermeiro Nenhum morto, mesmo?

Zapo Tou dizendo que não.

1º Enfermeiro Nem mesmo um ferido?

Zapo Nem isso.

2º Enfermeiro (AO PRIMEIRO) – Essa não, não faltava mais nada! (A ZÉPO EM TOM  
PERSUASIVO). Veja por aí se não encontra um defunto.

1º Enfermeiro Não insista, eles já disseram que não tem.

2º Enfermeiro Que sujeira!

Zapo Sinto muito. Não foi de propósito, pode crer.

2º Enfermeiro É o que todo mundo diz. Que não tem mortos e que não foi de propósito.

Sr. Tépan Deixe o cavalheiro em paz. (PRESTATIVO). Se pudermos fazer alguma coisa  
pelos senhores, será um prazer. Estamos às suas ordens.

2º Enfermeiro Essa é boa. Se as coisas continuam assim, não sei o que é que o capitão vai  
dizer.

Sr. Tépan Mas do que se trata?

1º Enfermeiro Acontece que os outros estão com os pulsos doendo de tanto carregar cadáveres  
e feridos, e nós ainda não encontramos nada, e não foi por falta de procurar!

Sr. Tépan Compreendo, realmente é muito desagradável!  
(A ZAPO). Você tem certeza de que não há nenhum morto?



- 2º Enfermeiro            Muito obrigado, meu senhor.
- Sr. Tépan                De nada, meu amigo, de nada, não precisa agradecer
- (OS ENFERMEIROS DIZEM ATÉ LOGO. OS QUATRO RESPONDEM. OS ENFERMEIROS SAEM).
- Sra. Tépan              São essas coisas que tornam agradável um Domingo no campo. A gente sempre encontra pessoas simpáticas. (PAUSA) Mas porque é que o senhor é inimigo?
- Zépo                      Não sei, não tive muita instrução.
- Sra. Tépan              É de nascença ou o senhor só se tornou inimigo mais tarde?
- Zépo                      Não sei, não sei disso não.
- Sr. Tépan                Então, como foi que o senhor veio pra guerra?
- Zépo                      Um dia, eu estava em casa, consertando o ferro de passar de mamãe e chegou um homem que me disse: "É o senhor que se chama Zépo? – Sou eu, sim. – Muito bem, você precisa ir para a guerra?", Aí então eu perguntei: "Mas qual guerra? e ele me disse: "Você não lê os jornais? Infeliz!" Aí então, eu disse que lia, mas não as histórias de guerra...
- Zapo                      Comigo, foi assim mesmo.
- Sr. Tépan                Eles também vieram te buscar.
- Sra. Tépan              Não senhor, não foi a mesma coisa. Você naquele dia não estava consertando um ferro de passar, estava consertando o carro.
- Sr. Tépan                Eu estava falando do resto. (A ZÉPO) Continue; o que foi que aconteceu depois?
- Zépo                      Aí então, eu disse a ele que tinha uma noiva e que se eu não levasse ela no cinema Domingo ela ia se chatear. Ele me disse que isso não tinha importância.
- Zapo                      Comigo foi assim mesmo.
- Zépo                      Aí meu pai veio correndo e disse que eu não podia ir pra guerra porque eu não tinha cavalo.
- Zapo                      Meu pai também.
- Zépo                      Aí aquele senhor respondeu que não era mais preciso Ter cavalo e eu perguntei se podia levar a minha noiva. Ele disse que não. Aí perguntei se podia levar a minha tia pra ela fazer pudim pra mim as quintas feiras; eu gosto muito de pudim.

- Sra. Tépan (DANDO-SE CONTA DE QUE OS ESQUECEU) Oh! O pudim!
- Zépo . Aí, ele disse outra vez que não.
- Zapo Pra mim também.
- Zépo E desde aquele dia, eu fico quase sempre sozinho na trincheira.
- Sra. Tépan Já que estão tão perto um do outro e se aborrecem tanto, você e o senhor prisioneiro poderiam se visitar à tardinha.
- Zapo Ah, isso não, mamãe, eu fico com medo; ele é um inimigo.
- Sra. Tépan Que bobagem! Não fique com medo.
- Zapo Se a senhora soubesse o que o general contou dos inimigos!
- Sra. Tépan Que foi que ele contou?
- Zapo Disse que os inimigos são gente muito ruim. Que quando eles têm prisioneiros, põem pedrinhas nos sapatos deles para que se machuquem quando andam.
- Sra. Tépan Que horror! Selvagens!
- Sr. Tépan (A ZÉPO, INDIGNADO) O Senhor não tem vergonha de pertencer a um exército de criminosos?
- Zépo Eu não fiz nada, não, senhor. Não estou de mal com ninguém.
- Sra. Tépan Estava se fingindo de santinho pra nós, heim?
- Sra. Tépan Não devíamos tê-lo desamarrado. Se por acaso ficarmos de costas para ele, ele é bem capaz de por uma pedrinha nos nossos sapatos.
- Zépo Não zangue comigo.
- Sr. Tépan Mas como é que o senhor quer ser tratado? Estou indignado! Ah, já sei o que vou fazer; vou procurar o capitão e pedir-lhe que me deixe lutar na guerra.
- Zapo Ele não vai querer; você está muito velho.
- Sr. Tépan Então, vou comprar um cavalo e uma espada e vou lutar a guerra à minha maneira.
- Sra. Tépan Muito bem! Se eu fosse homem, faria a mesma coisa.
- Zépo Por favor, minha senhora, não me trata assim! Aliás, vou dizer: o nosso general disse exatamente a mesma coisa de vocês.



Sra. Tépan Como é que ele ousou dizer uma mentira dessas?

Zapo A mesma coisa, tem certeza?

Zépo Tenho. A mesma coisa.

Sr. Tépan Então talvez tenha sido o mesmo que falou com vocês dois.

Sra. Tépan Mas se foi o mesmo, ele poderia pelo menos mudar de conversa. Que história é essa de dizer a mesma coisa a todo o mundo!

Sr. Tépan (A ZÉPO, OUTRO TOM) Mais um traguinho?

Sra. Tépan Espero que tenha gostado de nosso almoço!

Êr. Tépan Pelo menos, tudo correu melhor do que no domingo passado!

Zépo O que foi que aconteceu domingo passado?

Sr. Tépan Imagine que fomos ao campo e colocamos o nosso farnel sobre o cobertor. Enquanto estávamos olhando para o outro lado, uma vaca comeu o almoço inteiro, até mesmo os guardanapos.

Zépo Que esganada!

Sr. Tépan Pois é, mas depois, para compensar, nós comemos a vaca.

(ELES RIEM).

Zapo (A ZÉPO) Devem Ter matado a fome!

Sr. Tépan A saúde de todos! (TODOS BEBEM)

Sra. Tépan (A ZÉPO) e o que é que o senhor faz, para se distrair na trincheira?

Zépo Para me distrair, eu passo o tempo todo fazendo flores de pano; sabe eu me chateio muito.

Sra. Tépan O que é que o senhor faz com essas flores?

Zépo No começo, eu mandava para minha noiva, mas um dia ela me disse que a estufa e o porão já estavam cheios, que ela não sabia mais o que fazer com as flores e que, se não fosse incômodo demais, eu lhe mandasse outra coisa.

Zépo Tentei aprender a fazer outra coisa mas não consegui. Então, continuo fazendo flores de pano para passar o tempo.

Sra. Tépan E depois, o senhor joga fora?



**Zépo** Não, agora achei um utilidade para elas dou uma flora pra cada companheiro que morre. Assim, eu já sei que, por mais que eu faça não vai dar pro gasto.

**Sr. Tépan** O Sr. Achou uma boa solução.

**Zépo** (TÍMIDO). Também acho.

**Zapo** Pois eu, para não me chatear, faço tricô.

**Sra. Tépan** Mas, diga-me, será que todos os soldados se chateiam tanto quanto vocês dois?

**Zépo** Depende do que fazem para se distrair.

**Zapo** Do lado de cá, é a mesma coisa.

**Sr. Tépan** Então, vamos acabar com a guerra.

**Zépo** Mas, como?

**Sr. Tépan** Nada mais simples; você diz aos seus companheiros que os inimigos não querem mais saber de guerra e o senhor diz a mesma coisa aos seus colegas. E todo o mundo volta para casa.

**Zapo** Formidável!

**Sra. Tépan** Assim, o senhor vai poder acabar de consertar o ferro de passar.

**Zapo** Como é possível que ninguém tenha pensado nisso antes?

**Sra. Tépan** Só o seu pai é capaz de Ter uma idéia dessas: não se esqueça de que ele é ex-aluno da escola normal e filatelista emérito.

**Zépo** Mas o que é que os marechais e os cabos vão fazer?

**Sr. Tépan** Ora, a gente dá pra eles guitarras e castanholas para se distrair.

**Zépo** Boa idéia!

**Sr. Tépan** Estão vendo como é fácil? Já está tudo resolvido.

**Zépo** Vai ser um sucesso louco.

**Zapo** Os meus colegas vão ficar um bocado contentes.

**Sra. Tépan** Que tal tocarmos o “pasodoble” novamente para festejar?

**Zapo** Ótimo!

**Zapo** Isso, mamãe, ponha o disco.

(A SENHORA TÉPAN PÕE UM DISCO NA VITROLA. RODA À MANIVELA. ESPERA. NÃO SE OUVE NADA)

(OUVE-SE UM ALEGRE "PASODOBLE". ZAPO DANÇA COM ZÉPO E A SRA. TÉPAN COM O SEU MARIDO. ESTÃO TODOS MUITO ALEGRES. OUVES-SE O TILINTAR DO TELEFONE DE CAMPANHA TOCA OUTRA VEZ. A DANÇA CONTINUA. O COMBATE RECOMEÇA COM MAIOR ESTRONDO DE BOMBAS, TIROS, RAJADAS DE METRALHADORAS. OS QUATRO NADA VIRAM E CONTINUAM DANÇANDO ALEGREMENTE. UMA RAJADA DE METRALHADORA DERRUBA TODOS OS QUATRO. CAEM MORTOS NO CHÃO. UMA BALA DEVE TER PASSADO RASPANDO PELA VITROLA: O DISCO REPETE CONTINUAMENTE A MESMA COISA COMO UM DISCO RISCADO. OUVES-SE A MÚSICA DO DISCO RISCADO ATÉ O FIM DA PEÇA. ENTRAM À ESQUERDA OS DOIS ENFERMEIROS. CARREGAM UMA MACA FAZIA. IMEDIATAMENTE, CORTINA.

